

São Paulo

Com a sua bondade e os seus métodos de catequização, ambientando-se no local e ensinando aos nativos a civilização cristã que lhes trouxeram, conseguiram os padres colonizadores, auxiliados por João Ramalho, português que Martim Afonso já encontrou em São Vicente, estabelecido no planalto com grande prole e enorme influência junto aos índios, ampliar a sua missão e trazer para o seu convívio inúmeros catecúmenos. É claro que os índios que deles não se aproximavam estavam animosos à volta do pequeno povoado, procurando destruir a penetração portuguesa e a nova civilização que com ela chegava, e para isso não titubeavam em assaltar as casas que se iam construindo, raptando as mulheres dos colonos, varando com as suas flechas os brancos e mamelucos que se aventuravam a ir um pouco além da pequena igreja. Os franceses que se haviam apossado da Guanabara, tornando-se aliados dos índios tamoios aos quais procuravam agradar seguindo e adotando os costumes selvagens, em vez de procurar ensinar-lhes a sua civilização, mantinham, nesse terceiro quartel do século XVI, um constante incentivo contra São Paulo de Piratininga, São Vicente, Santos, Bertioga e outros povoados que os portugueses iam formando para o sul, na conquista da terra. Em 1562, os tamoios confe-

derados preparavam-se para o arrasamento de todas essas vilas e isso teriam conseguido se não fôsse a intervenção de Nóbrega e Anchieta, que seguiram para o litoral onde eles se encontravam, e em Iperoig, junto a São Sebastião, estiveram detidos vários meses como reféns, até que conseguiram, com a sua inteligência e a sua coragem, induzir os caciques principais, tendo à frente Pindobuçu, a fazerem com os colonos a paz definitiva, chamada de São Vicente, que permitiu aos primeiros paulistas assentarem realmente o pé na terra generosa.

A esse tempo haviam resolvido os reis de Portugal, como fato vital para a sua hegemonia nestas paragens, riscar do mapa do Brasil a França Antártica que Villegagnon instalara na baía de Guanabara. Chegando ao Brasil com as suas naus, reforçado de gente e de viveres no Espírito Santo, Estácio de Sá não pôde entretanto cumprir imediatamente a sua missão de expulsar do Rio de Janeiro os franceses que ali haviam desembarcado na Laje, protegidos pelos índios locais. Em São Vicente e na Bertioga, onde aportaram os navios portugueses em fins de 1564, antes do

empreendimento decisivo da expulsão do invasor, conseguiu Estácio de Sá aumentar consideravelmente o seu poderio, com a aliança de São Paulo e dos seus habitantes, que lhe forneceram barcos e centenas de braços armados, à frente dos quais a hoje lendária figura de José de Anchieta seguiu como uma das principais garantias de vitória. Teve assim São Paulo, no início da civilização brasileira, a glória de ser um dos principais baluartes da fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em março de 1565, emprestando as suas nascentes riquezas e a força dos seus homens para espavento do invasor francês e do indígena renitente contra os portugueses.

Não era fácil, para o homem branco que aportava em São Paulo, a penetração e a conservação da terra, dados os vários fatores da natureza tão diferente da que eles conheciam de além-mar e a reação dos índios a cada investida branca para adentrar o sertão. Mas os arraiais paulistas iam se formando, tendo sempre o auxílio dos padres jesuítas na sua política evangelizadora do povo silvícola. Para ajudar nos trabalhos da colonização, no ama-

AO PÉ DO MONUMENTO DAS BANDEIRAS ESTÃO ALGUMAS DAS FIGURAS QUE ELEVAM O NOME DE SÃO PAULO NO MAPA CULTURAL E CIENTÍFICO DO PAÍS



nho da terra para cultivar o alimento que não podia vir do Reino, na procura da caça e do peixe que lhes matassem a fome, lançaram os primeiros colonizadores brasileiros mão da escravização do elemento indígena, antes que, em 1560, começassem a chegar ao Brasil os primeiros negros que constituiriam mais tarde um dos três elementos étnicos do nosso povo. Alguns índios, mais mansos de índole ou mais curiosos, chegavam-se voluntariamente ao conquistador, ambientando-se em suas casas e nos seus trabalhos. A maior parte deles, porém, nascidos na liberdade das selvas, não queriam o domínio do homem branco e afastavam-se mata adentro para regiões mais difíceis onde pudessem permanecer. O bandeirismo paulista começou no início da civilização portuguesa na América, criado, mais do que pelo interesse da procura do ouro, pela necessidade do braço servil que ajudasse a subsistência da raça que se formava.

Os povoados iam surgindo. No litoral, ainda no século XVI, surgira Cananéia, cele-

brada na época e na história pelo encontro dum discutível e suspeito personagem bacharel, que ali foi visto nas primeiras expedições da colonização, e pela descoberta do primeiro ouro de lavagem de que se tem notícia. Ao redor de São Paulo de Piratininga, depois da fusão a essa vila da de Santo André da Borda do Campo, surgiam escolas jesuítas nos próprios aldeamentos dos índios, como foram as de Pinheiros, Embu, Itapecerica, Cotia, Itaquaquecetuba e Mogi. A Vila de São Paulo, ao raiar de 1600, contam os historiadores, possuía menos de seiscentos habitantes.

Pelos anos afora a população indígena ia crescendo, na pequena vila, nas fazendas e nos povoados. Por isso a língua falada em São Paulo era cheia de vocábulos indígenas, que até os estrangeiros que aqui chegavam adotavam no seu vocabulário corrente, sendo muito comuns os brancos de boa família que

SEGUE

Da esquerda para a direita: Aldemir Martins (pintor), Diogo Pacheco (maestro), Jorge Andrade (escritor), Jorge Zalszupin (arquiteto), Lígia Fagundes Teles (escritora), Luís Lopes Coelho (escritor), Miguel Reale (jurista), Iolanda Mohaly (pintora), Luís Saia (arquiteto), P. M. Bardi (crítico de arte), Flávio de Carvalho (arquiteto), Marisa Portinari (pintora), Walter Hugo Khoury (cineasta), Fernando Lemos (pintor), Sérgio Cardoso (ator), Anselmo Duarte (cineasta), Bibi Ferreira (atriz), José Aires Neto (médico), Sérgio Buarque de Holanda (historiador), Florestan Fernandes (sociólogo), Marcelo Damy (cientista), Luís Martins (escritor), Euricles de Jesus Zerbini (cirurgião), Nathan Schwartzman (violonista) e Manabu Mabe (pintor).

